

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E A PÓS-MODERNIDADE NA OBRA *AFIRMA PEREIRA* DE ANTONIO TABUCCHI

Cláudia Helena Daher¹
Lucia Sgobaro Zanette²

Resumo: Antonio Tabucchi (Pisa, 1943 - Lisboa, 2012) ficou bastante conhecido pelas traduções e pelo trabalho de difusão da obra de Fernando Pessoa na Itália. Enquanto ficcionista, ele adquiriu notoriedade a partir dos anos oitenta com as obras *O jogo do reverso* (1981), *Noturno indiano* (1984), *Requiem* (1992) entre outras. Suas obras foram traduzidas para diversas línguas e várias delas foram adaptadas ao cinema. Este artigo apresenta uma leitura da obra *Afirma Pereira*, tendo por linha condutora a construção da identidade do personagem. Refazendo o percurso que embasa a afirmação identitária vivida pelo personagem, ressaltamos alguns pontos que refletem a pós-modernidade presente na obra. A análise concentra-se em três aspectos: a construção ficcional de Pereira, a busca de uma afirmação identitária por parte do personagem e o papel da alteridade nesta busca de si mesmo.

Palavras-chave: *Afirma Pereira*, Tabucchi, identidade, pós-modernidade.

Résumé : Antonio Tabucchi (Pise, 1943 - Lisbonne, 2012) est connu par les traductions et par le travail de diffusion de l'œuvre de Fernando Pessoa en Italie. En tant qu'écrivain, il a acquis notoriété à partir des années quatre-vingt avec les œuvres *Le jeu du revers* (1981), *Nocturne indien* (1984), *Requiem* (1992) entre autres. Ses œuvres ont été traduites dans une vingtaine de langues et plusieurs ont été adaptées au cinéma. Cet article présente une lecture de l'œuvre *Pereira prétend*, en ayant par ligne conductrice la construction de l'identité du personnage. Nous soulignons quelques points qui reflètent la postmodernité présente dans l'œuvre, en accompagnant le parcours qui soutient l'affirmation identitaire vécue par le personnage. L'analyse se concentre sur trois aspects : la construction fictionnel de Pereira, la recherche d'une affirmation identitaire de la part du personnage et le rôle de l'altérité dans cette recherche de soi-même.

Mots-clés : *Pereira prétend*, Tabucchi, identité, postmodernité.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná em cotutela com a Université Stendhal Grenoble 3. E-mail: claudia.daher10@gmail.com

² Professora Associada da UFPR. Doutora em Teoria Literária e Literatura comparada pela USP. Presidente nacional da ABPI. E-mail: lusgob@onda.com.br

Entre repressão e superação uma personalidade se afirma

Publicada em 1993, a obra *Afirma Pereira*, do escritor italiano Antonio Tabucchi, obteve os prêmios literários Via Reggia e Campiello no ano seguinte à sua publicação e o prêmio internacional Jean Monet em 1995.

Situando o enredo na cidade de Lisboa no ano de 1938, Tabucchi coloca em evidência um período bastante obscuro e violento na história de Portugal e de toda a Europa. Enquanto uma guerra civil ocorre na Espanha e a tensão entre os países da Europa central aumenta, Portugal vive um momento conturbado sob o comando do general António de Oliveira Salazar. Salazar dirigiu os destinos de Portugal por mais de trinta anos, de 1932 a 1968, mantendo um governo autoritário, marcado pela propaganda nacionalista e pela repressão. O saldo do período salazarista foi bastante negativo para Portugal, deixando sequelas por um longo tempo.

Pereira, o protagonista, é um jornalista português, responsável pela página cultural hebdomadária de um jornal lisboeta. Viúvo e solitário, mantém uma dieta pouco saudável e tem o hábito de conversar com o retrato de sua falecida esposa. Sua vida começa a mudar quando, certo dia, ao ler em uma revista um artigo sobre a morte, Pereira resolve entrar em contato com o autor do texto e convidá-lo a ser colaborador no jornal em que trabalha para escrever necrológios. Assim, Pereira conhece Monteiro Rossi, jovem recém-formado em filosofia pela Universidade de Lisboa. Embora ele tivesse escrito uma tese sobre a morte, Monteiro Rossi ama a vida e a liberdade. Ele todavia aceita o trabalho proposto por Pereira, porque precisa de dinheiro. Pereira simpatiza e identifica-se com o rapaz: vê neste jovem o filho que poderia ter tido. Através de Monteiro Rossi, Pereira vai também conhecer Marta, uma moça ativa e politizada, que luta contra a repressão do governo salazarista.

Apesar de ser jornalista, Pereira não comenta em seus artigos os acontecimentos políticos e os rumores de violência e tortura que ocorrem no país. Seus interesses concentram-se na literatura e, para ele, isto nada tem a ver com a política. Mas, desde o dia em que conhece Monteiro Rossi e Marta, Pereira começa a enxergar as coisas de um outro modo. Outros encontros que Pereira faz nesse momento vão igualmente contribuir para que uma nova visão de mundo se imponha, resultando em uma transformação ou, nas palavras de seu médico, na aparição de um novo “eu” hegemônico. No final, ele tem uma atitude muito corajosa: faz uma grave denúncia contra o governo, mesmo correndo o risco de morrer. Mais que isso, Pereira se desprende de todo o seu passado: ele abandona tudo para viver uma nova

vida em outro país, depois de ter deixado a sua contribuição, denunciando o governo e alertando seus conterrâneos sobre a verdadeira situação em que se encontra Portugal.

A construção ficcional do personagem Pereira

A construção do personagem é marcada, nesta obra, por uma interessante interseção entre autor, narrador e personagem. Na nota introdutória, que leva a assinatura de Antonio Tabucchi, o autor explica que o personagem Pereira apareceu-lhe numa noite de setembro de 1992. A inspiração para este personagem veio um mês depois de ele ter ido ao velório de um jornalista português que havia escrito contra o governo de Salazar na década de 1940 e que, pressionado pela polícia, havia se exilado em Paris.

Quando o personagem aparece-lhe pela primeira vez, diz o autor que “naquela época, ele ainda não se chamava Pereira, ainda não tinha traços definidos, era algo vago, fugidio e incerto, mas já tinha vontade de ser protagonista de um livro” (TABUCCHI, 2013, p.6). Ou seja, Tabucchi nos desvela o processo de construção do personagem: naquela noite, o autor teve a ideia da criação literária, mas ainda não havia concebido o personagem tal qual viria a ser. Parafraseando Luigi Pirandello, ele afirma que naquele momento o que existia “era somente um personagem à procura de um autor” (TABUCCHI, 2013, p.6).

Tabucchi se refere ao personagem como uma pessoa “real”, que lhe apareceu e contou-lhe a sua vida. Ele nada mais fez do que transmitir ao leitor aquilo que ouvira do personagem. Ao mesmo tempo, o autor admite que a criação do personagem Pereira está intimamente ligada a alguém que de fato existiu. A fronteira entre realidade e ficção torna-se, portanto, bastante tênue: Pereira é uma criação literária, mas é também baseado em hipóteses que Tabucchi fez sobre um homem que de fato existiu. Esta pessoa real “era um homem que exercera sua profissão de jornalista nos anos quarenta e cinquenta, em Portugal, sob a ditadura de Salazar, e que conseguira pregar uma peça na ditadura salazarista, publicando num jornal português um artigo feroz contra o regime. Depois, naturalmente, passara a ter sérios problemas com a polícia e tivera que escolher o caminho do exílio” (TABUCCHI, 2013, p.6). Nesta descrição são evidentes as similitudes do jornalista com o personagem do livro. Tabucchi compreende que aquela inspiração literária era a transposição fantasmática do velho jornalista a quem ele fora levar sua última saudação.

Nesta mistura entre literatura e realidade, o autor fala de seus personagens como se fossem pessoas reais que lhe vêm visitar. Pereira, assim como outros personagens, veio lhe visitar, segundo Tabucchi, naquele período de vigília que antecede o sono. Aos poucos, Tabucchi diz que foi conhecendo melhor aquela figura. O personagem “contou-lhe” que era viúvo, cardíaco e infeliz. Que amava a literatura francesa, que tinha obsessão pela ideia da morte, que seu melhor confidente era um padre franciscano chamado António. “Depois, as confissões de Pereira, unidas à imaginação de quem escreve, fizeram o resto” (TABUCCHI, 2013, p.8).

Essa explicação que o leitor encontra na nota introdutória direciona a percepção que se tem da voz narrativa no decorrer do texto. Há uma mistura entre as figuras do autor-biográfico (Antonio Tabucchi ele mesmo, que assina a nota introdutória), do autor-escritor (a figura que está por trás da escrita) e do narrador (aquele que transmite o testemunho vivido pelo personagem). Os limites são propositalmente liquefeitos, criando uma espécie de cumplicidade entre o narrador e o personagem Pereira, este sim, verdadeira testemunha dos acontecimentos. O próprio subtítulo do livro traz essa informação (*Afirma Pereira: um testemunho*). Desta forma, já na frase que abre o texto: “Afirma Pereira tê-lo conhecido num dia de verão” (TABUCCHI, 2013, p.9) identificamos um narrador externo, em terceira pessoa, mas que segue o posicionamento de Pereira, ou seja, o narrador não faz mais do que repassar aquilo que Pereira afirma ter feito.

Linda Hutcheon (1991, p.29), ao caracterizar a ficção pós-moderna, afirma: “[na ficção pós-moderna] os narradores passam a ser perturbadoramente múltiplos e difíceis de localizar [...] ou deliberadamente provisórios e limitados – muitas vezes enfraquecendo sua própria onisciência aparente.” Em *Afirma Pereira*, embora o narrador mantenha ao longo do livro a unidade da voz narrativa, ele apresenta a característica de não ser um narrador consciente de tudo, designando-se apenas como um intermediário entre o personagem e o leitor. Neste sentido, ele se aproxima dos narradores pós-modernos tais como definidos por Hutcheon: trata-se de um narrador limitado, cuja onisciência é propositalmente dissimulada.

Ao mesmo tempo, podemos aproximar a obra *Afirma Pereira* daquilo que Linda Hutcheon chama de *metaficção historiográfica*: “Com esse termo, refiro-me àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos” (HUTCHEON, 1991, p.21). O texto de Tabucchi é declaradamente ficcional, mas sabemos que o jornalista que inspirou o personagem realmente existiu, assim como sabemos

que o salazarismo, a repressão à imprensa e outros fatos históricos narrados no livro são verídicos. Para Hutcheon a metaficção historiográfica constitui um gênero bastante ilustrativo do período pós-moderno, na medida em que mistura literatura, história e teoria. A autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas passa a ser a base para repensar e reelaborar formas e conteúdos do passado.

Podemos, portanto, identificar certos elementos que alinham a obra de Tabucchi dentro de uma nova sensibilidade, própria à sociedade contemporânea, que se tem denominado de *pós-moderna*. É difícil definir esta nova estrutura social pois trata-se de um processo complexo e ainda em andamento. Não temos a distância necessária para compreender todo o alcance das mudanças pelas quais a sociedade ocidental está passando. Neste trabalho, adotamos a concepção de pós-modernismo³ apresentada por Harvey no livro *Condição pós-moderna*. Para este autor, desde o início da década de 70 vivemos um período de transição, parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, na qual questiona-se a validade da visão de mundo que oferecia à razão iluminista uma posição privilegiada. O sujeito pós-moderno é fragmentado, vive mergulhado em um conjunto de significados distintos e não relacionados entre si, nos quais a própria noção temporal de presente, passado e futuro é desconstruída. No que diz respeito à literatura, “as personagens pós-modernas com frequência parecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir em relação a ele” (HARVEY, 1994, p.46).

Nesse sentido, o personagem Pereira passa igualmente por um período de confusão acerca do mundo antes de posicionar-se e afirmar-se como indivíduo. A expressão “afirma Pereira”, aliás, aparece várias vezes no texto. Podemos dizer que esta frase tem uma dupla função. Por um lado, reforça a ideia de testemunho por parte do personagem e o papel mediador do narrador, que nos transmite os fatos tais quais o personagem diz ter vivenciado. Por outro lado, a insistência na fórmula “afirma Pereira” conduz-nos à ideia de construção e afirmação identitária pela qual Pereira passa ao longo da narrativa. Pereira não costumava assinar os artigos que publicava no jornal. A propósito, assinar os textos é um dos conselhos

³ Como Harvey utiliza o termo *pós-modernismo*, optamos aqui por mantê-lo. Alguns autores, no entanto, têm preferido utilizar a nomenclatura *pós-modernidade* que aponta mudanças paradigmáticas sociais mais amplas e não apenas um novo estilo artístico e cultural, como poderia se pressupor com o termo pós-modernismo. A escolha de um termo preciso é ainda motivo de diversas discussões no âmbito acadêmico. Não faremos portanto uma diferenciação neste trabalho: os dois termos aparecem indistintamente, ambos fazendo referência a uma concepção de mudança estrutural, que tem afetado os mais variados campos sociais, sejam artísticos, culturais ou econômicos.

que o Dr. Cardoso lhe dá: “Quem traduziu fui eu, retrucou o doutor Pereira, mas não gosto de assinar. Pois deveria, retrucou o doutor Cardoso, especialmente os artigos mais importantes” (TABUCCHI, 2013, p.87). Será apenas o último texto, aquele no qual ele imprime de fato a sua percepção, a sua emoção e a sua coragem, que ele assina. Essa afirmação identitária vivenciada pelo personagem é resultado de um processo de reflexão acerca de si mesmo e dos outros.

A afirmação identitária do personagem

Harvey (1994) afirma que o século XX derrubou o otimismo moderno: a busca exacerbada pela razão e pelo progresso conduziu a sociedade a sérios problemas como os campos de concentração, o militarismo, duas guerras mundiais e ameaças de aniquilação nuclear. O espaço e o tempo escolhido por Tabucchi para esta história — Lisboa, entre os meses de agosto e setembro de 1938 — ilustram o cúmulo do tensionamento a que chegou a sociedade moderna europeia. O clima geral deste período é de medo e de desacordo não apenas em Portugal, mas em toda a Europa.

Neste trecho vemos a tensão na qual vive o país e o silêncio da imprensa, que não pode se manifestar a respeito do que está acontecendo, pois há uma forte censura controlando tudo o que é publicado:

Pereira sabia que o mercado estava agitado porque no dia anterior, no Alentejo, a polícia tinha matado um carreteiro que abastecia o mercado e que era socialista. Por isso, a Guarda Nacional Republicana postava-se diante das grades do mercado. Mas o *Lisboa* não tivera coragem de dar a notícia, [...] e quem poderia ter a coragem de dar uma notícia daquelas; a de que um carreteiro socialista fora massacrado no Alentejo em sua carroça, respingando sangue em seus melões? Ninguém, porque **o país se calava, não podia fazer outra coisa senão calar, e enquanto isso as pessoas morriam e a polícia mandava e desmandava.** (TABUCCHI, 2013, p.14, grifos nossos)

Percebemos que a temática da morte, ainda que de maneira bastante sutil, perpassa toda a narrativa. Desde as reflexões sobre a finitude e a razão da existência, assim como a reflexão trazida pelos jovens sobre o terror da repressão e da guerra. Logo no início da narrativa, encontramos Pereira refletindo sobre a morte: “Um esplêndido dia de verão, cheio de sol e ventilado, e Lisboa reluzia. [...] E ele, Pereira, refletia sobre a morte. [...] Por quê? Isso Pereira não consegue dizer” (TABUCCHI, 2013, p.9).

Ironicamente, é procurando por explicações sobre a morte que Pereira vai encontrar razões de viver e de lutar pela vida. Desde o encontro com Monteiro Rossi — cujos artigos

revelam-se “impublicáveis” por abordar questões que não seriam aceitas pela censura — certas mudanças, tanto físicas quanto comportamentais, vão sendo percebidas em Pereira. Ele começa a cuidar de sua saúde e a prestar atenção naquilo que come, mas também ousa dizer e fazer certas coisas que antes não tinha coragem.

Logo na primeira conversa que tem com Monteiro Rossi, Pereira diz que “a filosofia parece só tratar da verdade, mas talvez só diga fantasias, e a literatura parece só tratar de fantasias, mas talvez diga a verdade” (TABUCCHI, 2013, p.27). Terry Eagleton aponta como uma das características do pós-modernismo a rejeição das metanarrativas, ou seja, das interpretações teóricas de larga escala pretensamente de aplicação universal. Desse modo, Eagleton afirma que “a ciência e a filosofia devem abandonar suas grandiosas reivindicações metafísicas e ver a si mesmas, mais modestamente, como apenas outro conjunto de narrativas” (EAGLETON, 1987, apud HARVEY, 1994, p.19-20). Vemos em tal afirmação uma consonância com a visão de mundo apresentada por Pereira: ele também percebe todos os textos imersos no mesmo grande mar das narrativas, sendo que as verdades e os aportes de um enunciado independem do fato de ele ser científico ou ficcional.

Em seu processo transformativo, Pereira sente-se muitas vezes desorientado e sem certezas sobre o mundo e sobre o que sente. Sem saber bem o porquê, ele sente simpatia por aqueles jovens tão cheios de vida e tão engajados, com desejo de mudanças sociais, de um mundo mais livre e igualitário. Mas, a princípio, ele se questiona sobre a razão daquela simpatia.

Aos poucos, observa-se em Pereira um franco processo de passagem de um dominante epistemológico a um ontológico: ele deixa de se preocupar com o “saber” para conhecer mais profundamente o seu próprio “ser”. Esse conflito entre o antigo e o novo Pereira que começa a se manifestar desde o encontro com Monteiro Rossi, vai se evidenciar quando ele conhece o Dr. Cardoso, na clínica de talassoterapia de Parede (antigo nome da cidade de Cascais). O doutor lhe fala sobre a teoria da confederação das almas. Segundo essa teoria, cada um tem várias almas dentro de si. Aquela que é considerada a norma “depende do controle de um eu hegemônico que se impôs na confederação de nossas almas”. Assim,

no caso de surgir outro eu, mais forte e mais poderoso, esse eu destitui o eu hegemônico e toma o seu lugar, passando a dirigir a coorte das almas, ou melhor, a confederação, e a primazia permanece enquanto esse eu não for, por sua vez, destituído por outro eu hegemônico, através de um ataque direto ou de uma paciente erosão. (TABUCCHI, 2013, p.91).

Ora, ao manifestar que temos várias almas, ou várias personalidades, admite-se que o ser humano está em constante mutação, o que subentende, por sua vez, a presença da divisão e

da reconstrução. Antonello Perli (2010), para falar do sujeito pós-moderno, busca apoio em teorias filosóficas que tendem a caracterizar o sujeito como “frágil”, em oposição ao sujeito forte, centrado e unívoco que caracteriza o homem moderno. Um dos principais representantes da teoria do “sujeito frágil” é Gianni Vattimo, seguindo uma linha de pensadores que passa por Nietzsche, Heidegger e H.G. Gadamer.

A teoria filosófica conhecida sob o nome de “pensamento frágil” (poderia se falar a esse respeito de “ontologia hermenêutica”) nasceu da exigência de “repensar a filosofia à luz de uma concepção do ser que não se deixa mais hipnotizar por seus caracteres ‘fortes’ (presença manifesta, eternidade, evidência, numa palavra: autoridade e dominação), que foram sempre privilegiados pela metafísica”, e propõe, segundo “uma concepção diferente, ‘frágil’ do ser”, “uma leitura ontológica (e não apenas sociológica, psicológica, histórico-cultural) da existência humana na condição pós-moderna”⁴. (as palavras entre aspas são de Gianni Vattimo, citado por PERLI, 2010, p.63 – tradução nossa).

Observa-se, portanto, que não há mais a crença na possibilidade da razão humana aceder ao real mediante um saber fundado em bases objetivas estáveis, o que constituía um princípio básico e inamovível da modernidade. Pereira é um sujeito “frágil” no sentido de que ele consente em repensar suas concepções e seu modo de ser. A sua força e a sua autoridade são adquiridas; ele não as possui inicialmente, mas as conquista. Os efeitos dessa mudança não são sem importância. O próprio Dr. Cardoso admite que toda mudança exige um sofrimento. A passagem de um “eu” hegemônico a outro exige renúncias e mudanças que podem ser dolorosas:

E de mim, o que sobraria?, perguntou Pereira, eu sou o que sou, com minhas lembranças, com minha vida passada, as recordações de Coimbra e de minha mulher, uma vida passada como repórter de um grande jornal, de mim o que restaria? A elaboração do luto, disse o doutor Cardoso, é uma expressão freudiana [...] **o senhor tem necessidade de elaborar um luto, tem necessidade de viver no presente, um homem não pode viver como o senhor, doutor Pereira, pensando apenas no passado.** (TABUCCHI, 2013, p.117, grifos nossos).

Pereira vive atrelado ao passado e sente que as lembranças começam a ficar pesadas: ele precisa se desvencilhar dessas amarras para deixar lugar a um “novo Pereira”. Eduardo Lourenço (1999), no livro *Mitologia da Saudade*, fala que a especificidade e o charme da palavra *saudade* — apta como nenhuma outra a exprimir a estranheza e a sutilidade de um

⁴ No original : « La théorie philosophique connue sous l’appellation de “pensée faible” (on pourrait parler à son égard de “ontologie herméneutique”) est née de l’exigence de “repenser la philosophie à la lumière d’une conception de l’être qui ne se laisse plus hypnotiser par ses caractères ‘forts’ (présence déployée, éternité, évidence, en un mot : autorité et domination), qui ont toujours été préférés par la métaphysique”, et propose, selon “une différente conception, ‘faible’ de l’être”, “une lecture ontologique (et non seulement sociologique, psychologique, historique-culturelle) de l’existence humaine dans la condition postmoderne ».

sentimento complexo — constitui uma das características do imaginário social português. Uma longa tradição literária e cultural contribui para fazer da saudade o ícone supremo da cultura portuguesa. O autor comenta que quando nos deixamos importar pela saudade, imergimos em um espaço diferente, tornamo-nos outro. E todo o nosso ser ancorado no presente fica, de súbito, ausente. Era o que acontecia com Pereira: vivendo apenas em suas recordações do passado, conversando com o retrato da esposa, ele ficava, de certa maneira, “ausente” do presente. A volta à realidade presente e a afirmação de sua identidade passam, indubitavelmente, pelo encontro com o outro. Por isso, veremos na sequência a importância da alteridade nesse processo de afirmação identitária do personagem.

O papel da alteridade para a consolidação das mudanças

No início da narrativa, Pereira é uma pessoa bastante solitária. Suas únicas companhias são os livros e o retrato de sua falecida esposa, com o qual conversa todos os dias. Repentinamente, no entanto, algumas pessoas passam por sua vida e esses encontros vão se revelar fundamentais para a mudança de pensamento e de comportamento no personagem. Além do encontro com Monteiro Rossi que vai ser o inicializador desse processo transformador, outras conversas que ele entretém com Marta, com o amigo Silva, com a senhora judia que ele encontra no trem, com o Dr. Cardoso e com o padre António vão alimentar esse desejo de mudança.

Pereira decepciona-se com o amigo Silva, professor na Universidade de Coimbra, com quem espera poder conversar a propósito dos acontecimentos que o perturbam. O amigo, todavia, parece bastante adepto ao governo ou com medo de se arriscar:

Pereira perguntou a Silva o que pensava de tudo isso. Tudo isso o quê?, perguntou Silva. Tudo, disse Pereira, o que está acontecendo na Europa. Oh! não se preocupe, retrucou Silva, aqui não estamos na Europa, estamos em Portugal. Pereira afirma ter insistido: sim, acrescentou, mas você lê jornais e ouve rádio, você sabe o que está acontecendo na Alemanha e na Itália, são uns fanáticos, querem destruir o mundo. Não se preocupe, respondeu Silva, estão longe. (TABUCCHI, 2013, p.48).

Ao afirmar “aqui não estamos na Europa, estamos em Portugal”, Silva evidencia a imagem distorcida que os próprios portugueses tinham de seu país. Na beira da península Ibérica, longe dos países centrais europeus, e sob um regime autoritário, Portugal parecia isolado e distante do que estava acontecendo nos países vizinhos. O problema de afirmação identitária estende-se, portanto, não apenas a Pereira, mas ao próprio país, Portugal. Se por um lado, essa frase serve a Silva como um consolo, afinal, ele pensa estar deste modo

protegido, longe dos problemas, sob o comando de um governo aparentemente “paternalista”, por outro lado mostra a grande crise identitária pela qual o país passava.

Mais tarde, dentro de um trem, Pereira conversa com uma senhora judia. Lisboa, neste momento, é um ponto de passagem para fugir da Europa em direção às Américas. O diálogo que se estabelece entre os dois personagens vai ser marcante para Pereira, fazendo-o refletir sobre as perseguições e expulsões dos judeus. A senhora Delgado diz-lhe que, enquanto jornalista, ele pode e deve fazer algo, de modo a denunciar os governos totalitários que estão se formando em diversos países europeus:

Eu também talvez não esteja feliz com o que está acontecendo em Portugal, admitiu Pereira. A senhora Delgado tomou um gole de água mineral e disse: mas então faça algo. Algo o quê?, respondeu Pereira. Bem, disse a senhora Delgado, o senhor é um intelectual, diga o que está acontecendo na Europa, expresse seu livre pensamento, enfim, faça algo. (TABUCCHI, 2013, p.55).

Embora Pereira goste dos jovens Monteiro Rossi e Marta, ele reluta a admitir que está do lado dos revolucionários: “...eu não sou companheiro de ninguém, vivo sozinho e gosto de estar sozinho, o meu único companheiro sou eu mesmo” (TABUCCHI, 2013, p.64). Ele ainda está querendo se preservar, evitando envolver-se demasiadamente: não é fácil desvencilhar-se de velhos hábitos e concepções. Vemos ainda nesse trecho o incômodo que ele sente quando Marta diz que ele deveria aderir à causa revolucionária:

[...] o senhor foi realmente maravilhoso, deveria ser dos nossos. Pereira sentiu-se ligeiramente irritado, afirma, e tirou o paletó. Ouça, senhorita, retrucou, eu não sou nem dos vossos nem dos deles, prefiro fazer por conta própria, aliás, eu não sei quem são os vossos nem quero saber, eu sou um jornalista e trato de cultura, acabei de traduzir um conto de Balzac, sobre as histórias de vocês, **prefiro não estar informado, não sou repórter**. (TABUCCHI, 2013, p.73, grifos nossos).

Não apenas Pereira sofre modificações ao longo do livro; Marta também sofre uma metamorfose, modificando seu visual e sua carteira de identidade. Diz a moça: “Decidi modificar a minha fisionomia, respondeu Marta, em certas circunstâncias é necessário e para mim tinha-se tornado necessário me transformar em outra pessoa.” (TABUCCHI, 2013, p.101). O sociólogo Zygmunt Bauman cita as identidades mutantes, que variam de acordo com a situação, como uma das características da pós-modernidade: “O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe” (BAUMAN, 1998, p.114). E ainda: “O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa” (BAUMAN, 1998, p.112). Todavia, o que Tabucchi faz aqui é, na verdade, exatamente o contrário. Marta não

muda de identidade fortuitamente; a mudança de Marta tem uma razão bastante plausível, visto que ela deve se esconder da polícia repressora que existe em Portugal naquele momento. Tabucchi indiretamente demonstra que a literatura pós-moderna pode também ser engajada, trazendo reflexões políticas e sociais. O compromisso de Tabucchi, no entanto, está ligado sempre à condição humana, porque mais do que o contexto histórico, é a complexidade da existência seu principal objeto de preocupação.

Os encontros com o padre António também são fundamentais nesse processo. Antes de conhecer Monteiro Rossi e o dr. Cardoso, o padre — que demonstra ser uma pessoa com uma visão de mundo bastante esclarecida — é a única pessoa com quem Pereira conversa. Ele pergunta certa vez em que mundo Pereira vive, pois não é normal um jornalista não saber o que está acontecendo no próprio país. Ele também o aconselha, dizendo-lhe que ele é livre para fazer as suas escolhas: “Ouça Pereira, disse, o momento é grave e cada qual tem de fazer as próprias escolhas, eu sou um homem da Igreja e tenho que obedecer à minha hierarquia, mas você é livre para fazer suas escolhas pessoais, mesmo sendo católico.” (TABUCCHI, 2013, p.107).

E, um último encontro, igualmente importante no processo transformativo de Pereira, é aquele que se dá com o diretor do jornal. Após ter publicado a tradução de um conto de Alphonse Daudet cuja última frase é “Viva a França”, ele é intimado a comparecer ao gabinete do diretor que o repreende pela postura que ele considera inadequada e antipatriota. Acontece que, ao longo de sua transformação, Pereira começara a questionar tudo aquilo que lhe parecia correto até então. Ele repensa inclusive até que ponto a literatura está de fato desvinculada da realidade, como costumava acreditar. Ele já não consegue mais escrever sobre algo em que ele não acredita, apesar das recomendações de seu chefe.

O diretor do jornal pede que Pereira fale do dia da Raça, uma data comemorativa inventada pelo governo Salazar. Pereira lhe responde: “Desculpe, senhor diretor, [...] mas ouça, quero lhe dizer algo, nós originariamente éramos celtas, depois tivemos os árabes, que raça podemos celebrar nós, os portugueses?” (TABUCCHI, 2013, p. 139).

No evento “Literatura, Identidade e Cultura nos noventa anos de Eduardo Lourenço”, Marcella Guimarães (2014), professora da Universidade Federal do Paraná, salientou em sua comunicação que houve em Portugal um propositado apagamento de dados históricos, sobretudo no que se refere à presença islâmica na península ibérica. Diversos discursos contribuíram para minimizar a presença e a influência árabe do imaginário social. Esse

apagamento já era feito antes, mas durante o período salazarista esse apagamento se intensificou, de modo a fazer pensar que os portugueses fossem uma raça pura, sem misturas.

De fato, definir o homem universal foi o projeto do modernismo, ou seja, o modernismo buscava encontrar aquilo que unifica todos os homens. Os governos ditatoriais do século XX levaram essa concepção ao extremo, de uma maneira bastante negativa. A tendência da pós-modernidade, ao contrário, é valorizar as diferenças e a multiplicidade. Enquanto o modernismo tem sido associado à crença no progresso linear, às verdades absolutas, ao planejamento racional de ordens sociais ideais, o pós-modernismo, ao contrário, privilegia “a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural” (Precis 6, 1987, citado por HARVEY, 1994, p.19). Desta forma, grupos e movimentos minoritários que eram oprimidos, começam a aflorar, assim como ideias que haviam sido durante muito tempo esquecidas são agora novamente retomadas e servem de discussão para a compreensão da formação de identidades individuais e nacionais. Jameson (1996), em seu livro *O pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, igualmente nos esclarece que na contemporaneidade tem ocorrido uma substituição das individualidades fortes da modernidade (a nação com suas raízes históricas, tradições, imagens, histórias de fundação e formação; o partido político como intelectual coletivo com uma coerência ideológica e um programa de ação; o Estado) pela diversidade de etnias, movimentos e grupos.

Ao final, mesmo a obsessão de Pereira pela morte relativiza-se, como se ele estivesse tão preocupado com a vida que, de repente, até esquecesse da morte:

[...] mas o senhor, doutor Pereira, sabe o que gritam os nacionalistas espanhóis?, gritam “viva la muerte”, e eu de morte não sei escrever, **eu gosto é da vida, doutor Pereira**, e sozinho nunca teria conseguido escrever necrológios, falar da morte, realmente **não consigo falar sobre a morte. No fundo eu compreendo, afirma ter dito Pereira, nem eu aguento mais.** (TABUCCHI, 2013, p.133-134).

Frequentando o futuro: a pós-modernidade no limiar de uma afirmação

A pós-modernidade é uma nova sensibilidade, reflexo de uma visão de mundo diferente. Trata-se do despertar da ilusão antropocêntrica que considerava o homem como dono e senhor do mundo. O homem na pós-modernidade sabe que não pode explicar o universo, assim como aceita que há forças irracionais e subscientes que o impulsionam. Nesse sentido, o processo de construção identitária ocorre independentemente da idade ou da época: os seres humanos estão em constante evolução. A pós-modernidade, enquanto

concepção que prima pela abertura e diversidade, aceita o fato de que as pessoas são mutantes, afinal, nada está pronto e acabado. Nas palavras de Riobaldo, personagem do romance *Grande sertão: veredas*: “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.” (ROSA, 2006, p.23). Riobaldo, assim como o personagem Pereira, se vê como alguém que aprendera e mudara com a experiência.

Em guisa de conclusão, notamos que a escritura de Tabucchi coloca em evidência o pós-moderno no que diz respeito primeiramente ao aspecto formal, ou seja, pela maneira como o personagem é construído. A obra *Afirma Pereira* não tem um gênero definido, as fronteiras entre ficção e realidade são fluidas, as vozes do personagem e do narrador se misturam e, além disso, há um embaralhamento proposital entre o narrador e o autor, o que insere o leitor em um jogo que mistura constantemente realidade e ficção. Tabucchi consegue, com maestria, falar de um tema denso de maneira leve. Quanto ao aspecto do conteúdo, nota-se o distanciamento das “grandes narrações” modernistas: este livro apresenta uma concepção relativizada do Ser. A pós-modernidade encontra-se difusa nas ideias evocadas sobre a multiplicidade de almas (ou de personalidades), assim como na crítica ao totalitarismo e a uma maneira única de pensar. O livro ainda propõe uma reflexão sobre o que são as raças, e em que consiste a “identidade”.

Pereira passa por um processo de transformação ao longo da narrativa: ele já era uma pessoa culta, inteligente, via tudo o que estava acontecendo no país e na Europa, mas tinha a impressão de que aquilo não lhe dizia respeito, que ele nada poderia fazer. Intermediado pela alteridade que lhe é despertada através dos encontros que ele realiza, Pereira será o protagonista de um ato de coragem e de tomada de decisão, colocando à prova um novo “eu” que consegue se impor sobre o antigo. Ele escreve um texto contando tudo o que vira sobre o abuso do poder e da violência por parte do governo. Consegue passar pela censura e fazer o seu texto ser publicado. Finalmente, Pereira deixa as amarras do passado e começa a “frequentar o futuro”, como lhe havia aconselhado seu médico, Dr. Cardoso.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1998.

GUIMARÃES, Marcella. Um diálogo histórico-literário com a Mitologia da saudade (1999) de Eduardo Lourenço. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, n. 90, p. 115-130, jul./dez. 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1994.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. **O pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

PERLI, Antonello. **Auctor in fabula: un essai sur la poétique de Tabucchi**. Ravenna : Giorgio Pozzi Editore, 2010.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Coleção Biblioteca do Estudante. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TABUCCHI, Antonio. **Afirma Pereira: um testemunho**. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Livros consultados

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GEORGEL, Jacques. **Le salazarisme: histoire et bilan 1926-1974**. Paris : Cujas, 1981.